

Dinâmica da indústria têxtil no Maranhão: estruturas de mercado e competitividade (1880-1940)^a

Dynamics of the Textile Industry in Maranhão: Market Structures and Competitiveness (1880-1940)

Perla Daniele Costa Carreiro^b 

Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Economia,
Campinas (SP), Brasil

Luiz Eduardo Simões de Souza^c 

Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências Sociais, São Luiz (MA), Brasil

Resumo: Este artigo investiga a trajetória da indústria têxtil no Maranhão entre 1880 e 1940, explorando suas fases de implementação, expansão e declínio. Fundamentado nas teorias de estruturas de mercado de Paolo Sylos Labini e Joan Robinson, o estudo analisa como a concentração oligopolista, a gestão familiar e a defasagem tecnológica influenciaram a competitividade regional. A abordagem metodológica integra análise histórica e microeconômica, utilizando dados sobre investimentos, produção e dinâmicas de mercado. Inicialmente, o setor beneficiou-se de contextos externos favoráveis, como a demanda por algodão local e políticas pós-abolição que ampliaram a disponibilidade de mão de obra. Contudo, a partir de determinado período, enfrentou desafios crescentes devido à concorrência de regiões mais industrializadas, que adotaram economias de escala e modernização acelerada. A gestão familiar, embora garantisse continuidade, limitou a inovação e a adaptação às mudanças do mercado. A estrutura oligopolista, marcada

Editor responsável: Marcos Taroco Resende | DOI: 10.29182/hehe.v29i2.1120

^a Submissão: 18/11/2025 | Aprovação: 17/06/2026 | Publicação: 04/09/2026

^b perladaniele004@gmail.com | Concepção, pesquisa e análise de dados e/ou documentos, discussão dos resultados e redação e revisão do texto.

^c luizedusouza@gmail.com | Concepção, pesquisa e análise de dados e/ou documentos, discussão dos resultados e redação e revisão do texto.

Os autores declaram não haver conflito de interesse. Os conteúdos utilizados na pesquisa encontram-se no manuscrito.



Esta publicação está licenciada sob os termos
de Creative Commons 4.0 Internacional

por poucas empresas dominantes, reduziu a competitividade e inibiu a entrada de novos agentes, conforme indicado por indicadores de concentração. A pesquisa revela que a baixa eficiência operacional, aliada à dificuldade de ampliar a capacidade produtiva, tornou o setor vulnerável a crises. Conclui-se que políticas industriais devem priorizar especificidades locais, incentivar a modernização e fortalecer redes produtivas, evitando ciclos de estagnação. A experiência maranhense destaca a necessidade de equilibrar concentração de mercado com dinamismo econômico para promover desenvolvimento sustentável em regiões periféricas.

Palavras-chave: Indústria têxtil. Oligopólio. Desenvolvimento regional. Maranhão.

Abstract: This article examines the trajectory of the textile industry in Maranhão, Brazil, between 1880 and 1940, focusing on its phases of implementation, expansion, and decline. Grounded in the market structure theories of Paolo Sylos Labini and Joan Robinson, the study analyzes how oligopolistic concentration, family management, and technological delays impacted regional competitiveness. The methodology integrates historical and microeconomic analysis, utilizing data on investments, production, and market dynamics. Initially, the sector benefited from favorable external contexts, such as demand for local cotton and post-abolition policies that expanded labor availability. However, over time, it faced growing challenges due to competition from more industrialized regions, which adopted economies of scale and accelerated modernization. Family management, while ensuring continuity, constrained innovation and adaptation to market shifts. The oligopolistic structure, dominated by few firms, reduced competitiveness and discouraged new entrants, as indicated by concentration metrics. The research reveals that low operational efficiency, coupled with difficulties in scaling productive capacity, rendered the sector vulnerable to crises. The conclusion emphasizes that industrial policies should prioritize local specificities, incentivize modernization, and strengthen productive networks to avoid stagnation cycles. Maranhão's experience underscores the need to balance market concentration with economic dynamism to foster sustainable development in peripheral regions.

Keywords: Textile industry. Oligopoly. Regional development. Maranhão.

JEL: L13. N66. R11.

Introdução

A indústria têxtil maranhense desempenhou um papel significativo no desenvolvimento econômico regional entre os anos de 1880 e 1940,¹ constituindo-se em um importante setor produtivo para a economia local. Durante esse período, o Maranhão passou por transformações econômicas e sociais marcadas pela transição de uma economia predominantemente agrária para uma maior diversificação industrial. Nesse contexto, a indústria têxtil destacou-se tanto pela sua capacidade de gerar empregos quanto pela utilização de matérias-primas locais, especialmente o algodão. No entanto, o desenvolvimento desse setor também enfrentou desafios estruturais que impactaram sua trajetória e competitividade no longo prazo.

Esta reflexão se fundamenta na teoria das estruturas de mercado, com destaque para a análise de oligopólios e concorrência imperfeita. Paolo Sylos Labini, Joan Robinson e outros estudiosos argumentam que a concentração de capital e a entrada limitada de novos concorrentes podem criar condições de ineficiência econômica e baixa adaptabilidade às mudanças do mercado. Esse quadro é especialmente relevante para o caso maranhense, onde a gestão predominantemente familiar das fábricas² e a falta de modernização tecnológica influenciaram negativamente a capacidade de competição com outras regiões, como o Sudeste brasileiro. Dessa forma, o presente estudo busca contribuir para a literatura sobre uma microeconomia do desenvolvimento, especialmente no caráter da análise das estratégias de ajustes microeconômicos de políticas econômicas, trazendo resultados específicos sobre a industrialização periférica no Brasil.

Além dos aspectos teóricos, a análise empírica deste artigo baseia-se em dados históricos e econômicos sobre a indústria têxtil maranhense, incluindo informações sobre capital investido, mão de obra empregada, capacidade produtiva e preços dos produtos. A interpretação desses dados, a partir de uma historiografia econômica quantitativa – nos termos de Cardoso e Brignoli (1987) e Souza (2006; 2007) – fornece subsídios para se identificarem os principais fatores que condicionaram a trajetória do setor e avaliar em que medida as políticas públicas adotadas foram efica-

¹ Veja-se para tanto Viveiros [1954], 2014.

² Veja-se, para tanto, Melo (1990), Neves (2019) e Souza e Neves (2025).

zes para estimular o desenvolvimento industrial regional. Para tanto, foi empregada a análise de indicadores quantitativos referentes à eficiência e capacidade produtiva das indústrias têxteis maranhenses estabelecidas no período, avaliando desde seu porte até a relação com o capital e capacidade instalada, e mesmo seu grau de concentração.

Este artigo busca, assim, não apenas descrever uma evolução histórica da indústria têxtil no Maranhão, mas também propor um olhar crítico sobre as lições que podem ser extraídas desse caso para a formulação de políticas econômicas. A partir da experiência maranhense, é possível discutir os desafios enfrentados por regiões periféricas no processo de industrialização e propor caminhos para um desenvolvimento econômico mais inclusivo e sustentável no Brasil. A análise das estruturas de mercado e das políticas de incentivo ao longo do período estudado oferece um panorama relevante para entender os ciclos de crescimento e crise que caracterizaram a trajetória industrial da região.

1. Revisão de literatura

A compreensão das dinâmicas de mercado e do desenvolvimento industrial regional requer um arcabouço teórico robusto. Nesse sentido, há conceitos fundamentais da teoria das estruturas de mercado e da economia do desenvolvimento, com destaque para os trabalhos de Paolo Sylos Labini, Joan Robinson e autores que abordam a industrialização periférica no Brasil (Tavares, 1972; 1986; Versiani e Versiani, 1978; Suzigan, 2000 e outros). Esses referenciais teóricos oferecem uma base sólida para analisar como a concentração de capital, a concorrência imperfeita e as especificidades regionais moldaram a trajetória das indústrias têxteis no Maranhão entre 1880 e 1940.

Paolo Sylos Labini, em sua obra *Oligopólio e progresso técnico*, argumenta que a concentração de mercado e as barreiras à entrada limitam a inovação e o progresso tecnológico.

[...] a nova teoria do oligopólio possibilita uma abertura analítica para uma classe de fenômenos que até agora somente eram analisados de maneira hermética e sem grandes possibilidades de desenvolvimento, apesar da sua importância fundamental para a compreensão dos fenô-

menos econômicos: a relação macro-micro. A percepção de que a maioria dos mercados é oligopolizada e de que, nesses mercados, as grandes firmas exercem a sua liderança, influenciando os elementos fundamentais das estratégias das outras firmas: preços, ritmo de inovações, investimentos, etc., fez com que se possa pensar sobre a relação macro-micro através de um sub-sistema composto pelas grandes empresas dominantes, cujas estratégias de crescimento afetam diretamente, através da parcela de produção pelas quais são responsáveis e, indiretamente, através da liderança nos respectivos mercados e vinculações com os outros mercados, no comportamento agregado do sistema econômico. Na prática da política econômica, diversas dessas questões já estão sendo analisadas, mas, infelizmente, ainda com um aparato teórico inadequado para compreender as causas mais profundas dos problemas: a pressão inflacionária exercida pelas grandes empresas, o comportamento das mesmas e repercussões sobre a balança comercial, o nível de investimento e as políticas de diversificação, o crescimento delas e o processo de concentração industrial. (Labini, 1984, p. 29)

Segundo Sylos Labini, mercados oligopolísticos podem resultar em inércia tecnológica, na medida em que empresas consolidadas evitam novos investimentos e mudanças estruturais, o que reduz a produtividade.

A concentração no setor têxtil maranhense no final do século XIX favoreceu integrações horizontais e verticais, nas quais poucas empresas dominavam o mercado, limitando a competição e facilitando o controle de preços. A integração horizontal ocorreu com a união de empresas do mesmo setor, enquanto a vertical envolveu o controle das fases de produção e distribuição, consolidando ainda mais o poder econômico das fábricas. Essa estrutura oligopolista, com baixa competição, criou barreiras à entrada de novos concorrentes e resultou em um mercado fechado, conforme previsto por Labini (1984), que observou que a concentração de mercado limita a dinâmica competitiva e a inovação.

No contexto maranhense, apesar da capacidade das indústrias têxteis locais de sobreviverem em nichos regionais, o crescimento desproporcional das grandes empresas do Sudeste eclipsou as economias de escala do

setor têxtil maranhense. A principal limitação das indústrias têxteis do Maranhão nesse cenário parece ter residido na capacidade de expandir suas economias de escala de forma competitiva, tornando-as vulneráveis à concorrência das regiões mais industrializadas e economicamente dinâmicas. A análise da Tabela 1 evidencia que a principal limitação das indústrias têxteis do Maranhão residiu na dificuldade de expandir suas economias de escala de forma competitiva, o que as tornou vulneráveis à concorrência de regiões mais industrializadas. Com investimentos de apenas 1.700 e 1.600 contos de réis nas principais indústrias, como a Companhia Fabril Maranhense e a Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil, respectivamente, os aportes de capital foram insuficientes em comparação com as indústrias em estados como São Paulo, que apresentaram investimentos significativamente superiores.

Tabela 1 – Maranhão, indústrias têxteis em 1895, área ocupada e capital investido

Nome	Capital (contos de réis)	Área (m ²)
Companhia Fabril Maranhense (Fábrica Santa Isabel)	1700	6993
Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil	1600	10094
Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense (Camboa)	1200	9925
Companhia Industrial Caxiense	111	n/d
Companhia Manufatureira e Agrícola	1000	7980
Companhia de Fiação e Tecidos Cânhamo	900	n/d
Companhia de Fiação e Tecidos União Caxiense	850	n/d
Companhia Progresso Maranhense	700	n/d
Companhia de Lanifícios Maranhense (Fábrica Santa Amélia)	600	3025
Companhia de Fiação e Tecelagem São Luís	320	1755
Companhia Industrial Maranhense	250	1242
Fábrica Sanharó	150	n/d
Fábrica de Tecidos de Malha Ewerton	n/d	n/d
Companhia Manufatora Caxiense	322	n/d
Fiação e Tecelagem Maranhense	n/d	n/d

(continua)

Tabela 1 – Maranhão, indústrias têxteis em 1895, área ocupada e capital investido

Nome	Capital (contos de réis)	Área (m ²)
Fiação e Tecelagem Caxiense	n/d	n/d
Fiação e Tecelagem Fabril Maranhense	1700	n/d

Fontes: JUCEMA, complementado por Viveiros ([1954] 2014), Suzigan (2000) e IBGE (1987).

Além disso, a área ocupada por essas indústrias, que variava de 6.993 m² a 10.094 m², demonstra que, apesar de um número razoável de ativos, a capacidade produtiva era limitada. A Companhia Fabril Maranhense, por exemplo, produzia apenas 3 milhões de metros de tecido, o que indica que a utilização do espaço e a eficiência operacional não foram otimizadas.

Esses fatores combinados reforçam a conclusão de que a incapacidade das indústrias têxteis do Maranhão de escalar operações e inovar na produção restringiu seu crescimento e competitividade no contexto da crescente industrialização em outras regiões do Brasil.

Tabela 2 – Maranhão, indústrias têxteis em 1895, capacidade produtiva e preço de venda dos tecidos

Nome	Capacidade de produção ao ano (milhões de m de tecido)	Preço da venda (réis por m)
Companhia Fabril Maranhense (Fábrica Santa Isabel)	3	320
Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil	1,1	454
Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense (Camboa)	1,8	460
Companhia Industrial Caxiense	n/d	300
Companhia Manufatureira e Agrícola	0,75	340
Companhia de Fiação e Tecidos Cãhamo	1,4	280
Companhia de Fiação e Tecidos União Caxiense	1	300
Companhia Progresso Maranhense	0,685	280
Companhia de Lanifícios Maranhense (Fábrica Santa Amélia)	0,132	300

(continua)

Tabela 2 – Maranhão, indústrias têxteis em 1895, capacidade produtiva e preço de venda dos tecidos

Companhia de Fiação e Tecelagem São Luís	0,32	350
Companhia Industrial Maranhense	0,12	300
Fábrica Sanharó	3	300
Fábrica de Tecidos de Malha Ewerton	0,1	300
Companhia Manufatora Caxiense	1	340
Fiação e Tecelagem Maranhense	0,8	320
Fiação e Tecelagem Caxiense	0,75	320
Fiação e Tecelagem Fabril Maranhense	0,7	340

Fontes: JUCEMA, complementado por Viveiros ([1954] 2014) Suzigan (2000) e IBGE (1987).

Os preços de venda dos tecidos, que variam entre 280 e 454 réis por metro, também indicam um cenário competitivo desfavorável para o Maranhão. Os preços relativamente baixos sugerem uma tentativa de manter a competitividade em um mercado saturado, mas ao mesmo tempo refletem a incapacidade das indústrias locais de agregar valor aos seus produtos, o que limita a lucratividade e a possibilidade de reinvestimento em expansão e inovação.

Essa combinação de capacidade produtiva restrita e uma estrutura de mercado que não favorece a ampliação das economias de escala coloca as indústrias maranhenses em uma posição vulnerável. Diante da dinâmica crescente de industrialização em outras regiões, as indústrias têxteis do Maranhão enfrentam sérios desafios para se manter competitivas, resultando em uma estagnação que impede a expansão e o fortalecimento do setor no estado.

Em suma, a análise crítica de Robinson sobre os mercados de concorrência imperfeita não apenas revela as vantagens temporárias da diferenciação de produtos, mas também expõe os desafios estruturais que as empresas enfrentam em um ambiente competitivo de escala global. No caso das indústrias têxteis maranhenses, essa estrutura de mercado limitou a sustentabilidade das empresas locais a longo prazo, já que elas não conseguiram acompanhar o ritmo de expansão que caracterizou outras regiões do Brasil, o que é possível observar a partir de dados do IBGE:

**Tabela 3 – Estabelecimentos no setor têxtil no Brasil,
anos selecionados**

ANOS	1907	1912	1920
ESTADOS			
Alagoas	5	6	10
Bahia	12	9	9
Ceará	4	3	4
Distrito Federal	23	21	37
Espírito Santo	1	1	2
Maranhão	11	10	9
Minas Gerais	37	34	59
Pará	-	1	1
Paraíba	1	-	1
Paraná	5	2	5
Pernambuco	8	8	9
Piauí	1	1	1
Rio de Janeiro	23	18	28
Rio Grande do Norte	1	2	1
Rio Grande do Sul	8	7	7
Santa Catarina	12	5	17
São Paulo	28	65	112
Sergipe	4	5	7
TOTAL	184	198	319

Fonte: IBGE (1987, p. 74).

A Tabela 3 ilustra o crescimento desigual do setor têxtil no Brasil entre 1907 e 1920, evidenciando como as indústrias têxteis maranhenses, ao contrário das de outros estados, não conseguiram sustentar uma expansão significativa. Observa-se que, enquanto estados como São Paulo e Minas Gerais apresentaram um aumento expressivo no número de estabelecimentos – São Paulo passou de 28 para 112 fábricas e Minas Gerais de 37 para 59 –, o Maranhão apresentou uma trajetória de retração, passando de 11 estabelecimentos em 1907 para apenas 9 em 1920.

Tabela 4 – Capital empregado na indústria têxtil do Brasil, anos selecionados

ANOS	CAPITAL (contos de réis)			VAR (%) CAPITAIS EMPREGADOS	
	1907	1912	1920	1907 e 1912	1912 e 1920
ESTADOS					
Alagoas	5.489:887\$	8.450:000\$	15.293:870\$	53,9	81
Bahia	16.208:400\$	18.308:882\$	26.370:365\$	13	44
Ceará	2.200:000\$	870:000\$	2.857:000\$	- 60,5	228,4
Distrito Federal	76.077:259\$	73.113:276\$	183.034:554\$	- 3,9	150,3
Espírito Santo	160:000\$	400:000\$	183.034:554\$	150	250
Maranhão	10.030:900\$	9.445:279\$	183.034:554\$	- 5,7	17,6
Minas Gerais	17.734:372\$	17.569:795\$	183.034:554\$	- 0,9	116,2
Pará	-	600:000\$	183.034:554\$	-	22,2
Paraíba	1.778:000\$	-	2.824:362\$	-	-
Paraná	675:000\$	830:000\$	2.824:362\$	23	-24,1
Pernambuco	19.241:660\$	21.879:000\$	36.564:734\$	13	67,1
Piauí	1 1.069:878\$	1.130:695\$	1.031:000\$	5,7	-4,1
Rio de Janeiro	45.829:457\$ 4	46.780:000\$	68.363:597\$	2,1	46,4
Rio Grande do Norte	875:000\$	3.5110:000\$	2.117:500\$	301,1	-39,7
Rio Grande do Sul	8.660:000\$	11.260:000\$	24.235:877\$	30	115,2
Santa Catarina	1.692:000\$	825:500\$	5.364:666\$	- 51,1	549,9
São Paulo	52.563:690\$	74.398:724\$	181.192:784\$	41,5	143,5
Sergipe	4.458:400\$	6.131:773	11.795:899\$	37,5	92,4
TOTAL	264:733:903\$	295.503:036\$	612.960:899\$	11,6	107,4

Fonte: IBGE (1987, p. 74).

A Tabela 4 evidencia a evolução do capital empregado na indústria têxtil brasileira entre 1907 e 1920, mostrando um aumento geral significativo, especialmente em estados como São Paulo e Rio Grande do Sul, que registraram crescimentos de 143,5% e 115,2%, respectivamente. Em contraste, o Maranhão experimentou uma diminuição de 5,7% no capital entre 1907 e 1912, seguida de um modesto crescimento de 17,6% até 1920.

Esses dados ilustram a estagnação das indústrias têxteis maranhenses em um contexto de expansão nacional. A baixa atratividade do estado para investimentos, somada à concentração em nichos de mercado, limitou a competitividade e a sustentabilidade das empresas locais. Assim, enquanto outras regiões do Brasil avançavam em termos de investimento e inovação, o Maranhão permaneceu à margem do desenvolvimento industrial, comprometendo seu potencial de crescimento a longo prazo.

2. Metodologia

A análise dos dados desta pesquisa foi conduzida com base em uma abordagem metodológica que combina a pesquisa histórica com a análise microeconômica, permitindo uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas econômicas regionais. A economia é vista como uma força central na formação das sociedades, essencial para entender os processos históricos. Foram aplicadas abordagens teóricas da história econômica, com ênfase em análises de longo prazo, além de técnicas da história quantitativa, que utilizam ferramentas estatísticas para examinar dados econômicos, conforme as teses de Souza (1996; 2006; 2007) e Cardoso e Brignoli (1987).

As fontes de dados utilizadas incluem documentos históricos, relatórios econômicos, registros sobre capacidade de produção, mão de obra empregada e o capital investido nas indústrias do Maranhão, com especial atenção às indústrias têxteis entre 1890 e 1945. Os métodos de análise aplicados basearam-se em estatísticas descritivas, interpretação de séries temporais e uso de indicadores de produtividade, possibilitando uma avaliação detalhada dos padrões de crescimento e declínio dessas indústrias ao longo do tempo.

Os arquivos que subsidiam esta pesquisa incluem:

- Arquivo da Junta Comercial do Maranhão (JUCEMA);
- Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (FUMPH);
- Arquivo Judiciário do Maranhão (AJM);
- Arquivo Público do Estado do Maranhão (APEN);
- Arquivo da Biblioteca Benedito Leite (ABL).

Cada um desses acervos forneceu documentos primários e secundários essenciais para a investigação. No arquivo da JUCEMA, foram identificados registros de nove indústrias têxteis entre 1890 e 1941. Embora a Junta Comercial tenha sido criada em 1860, é provável que o número de empresas seja maior, com registros retroativos a datas anteriores. Entre os documentos disponíveis estão atas de abertura e fechamento das empresas, que fornecem informações valiosas sobre a dinâmica dessas indústrias.

A FUMPH e o AJM ofereceram dados complementares, incluindo atas de reuniões e registros contábeis, que consistem em fontes primárias impressas e iconográficas. Embora essas fontes sejam limitadas em extensão, são cruciais para a análise microeconômica e histórica das indústrias têxteis no Maranhão. Além disso, os arquivos do APEN e do AJM forneceram documentação de segunda e terceira mão, permitindo um aprofundamento nas questões de literatura econômica e historiografia local.

Destaca-se também a *História do comércio do Maranhão* de Jerônimo Viveiros, publicada em três volumes em 1954. Embora amplamente utilizada como fonte de dados quantitativos e qualitativos, a obra apresenta questionamentos sobre a consistência de alguns de seus dados, que nem sempre são confirmados por material documental primário. No entanto, ela continua sendo uma referência importante para o estudo da economia maranhense. De toda forma, as estatísticas descritivas e séries temporais utilizadas permitiram identificar tendências de crescimento, além de apontar as limitações estruturais dessas indústrias em alcançar economias de escala e se manter competitivas no cenário nacional.

3. Contexto histórico e desenvolvimento da indústria têxtil no Maranhão

A estrutura da indústria têxtil no Maranhão, entre 1870 e 1945, caracterizou-se pela presença de múltiplas fábricas, distribuídas majoritariamente nas cidades de São Luís, Caxias e Codó. Essas unidades produtivas, predominantemente de pequeno e médio porte, eram de gestão familiar e destinavam-se à produção de tecidos para o consumo local e regional.

Dois fatores parecem ter desempenhado um papel significativo no

impulso do setor a partir da década de 1870: primeiramente, o impacto externo decorrente da Guerra de Secessão nos Estados Unidos (1861-1865), que interrompeu substancialmente as exportações de algodão do sul estadunidense, criando uma janela de oportunidade para a produção algodoeira maranhense; em segundo lugar, a adoção de uma estratégia de diversificação por parte dos plantadores e exportadores de algodão, com o intuito de abastecer o mercado interno.

A configuração da indústria têxtil maranhense incluía uma variedade de fábricas, que iam desde pequenas empresas familiares até grandes empreendimentos, voltados tanto para o mercado doméstico quanto para o internacional. Em comparação com outras regiões do Brasil que experimentavam surtos industriais na mesma época, como Rio de Janeiro e São Paulo, é possível identificar fatores similares de desenvolvimento (Barbosa, 2012; Versiani e Versiani, 1978; Souza, 2005). Entretanto, a especificidade maranhense residia em dois elementos distintivos: a localização e a abundância de matéria-prima.

Todavia, a distância em relação ao eixo econômico dinâmico do país naquele período – centrado na produção cafeeira – e as dificuldades associadas à formação do complexo econômico nordestino (Furtado, 2009; Andrade, 2005) limitaram as vantagens competitivas que a localização e a oferta de matéria-prima poderiam proporcionar. Esses fatores, portanto, não foram suficientes para elevar o Maranhão a um papel de destaque na indústria têxtil nacional.

3.1 Evolução cronológica

O desenvolvimento da indústria têxtil no Maranhão entre 1870 e 1945 pode ser dividido em três fases distintas: implementação (1870-1890), expansão (1890-1920) e crise e retração (1920-1945).

3.1.1 Implementação (1870-1890)

Nesse período, a indústria têxtil maranhense encontrava-se em um estágio incipiente, marcado pela fundação das primeiras fábricas nas cidades de São Luís, Caxias e Codó, em sua maioria de caráter familiar (Viveiros [1954], 2014). Esses empreendimentos iniciais enfrentaram obstáculos significativos, incluindo a necessidade de capital, a importação

de equipamentos e o fornecimento regular de matérias-primas. O impacto da Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865), que gerou uma retração na oferta de algodão e tecidos, aumentou a lucratividade da produção algodoeira e fabril na região, fornecendo o impulso necessário para o surgimento de uma atividade industrial e o capital disponível para ser investido além das práticas comerciais tradicionais (Caldeira, 1988).

3.1.2 Expansão (1890-1920)

Durante esse período, a indústria têxtil no Maranhão passou por uma fase de expansão e consolidação. A reforma bancária e financeira ocorrida entre 1890 e 1892 facilitou a criação de sociedades anônimas e limitadas, favorecendo a captação de investimentos e a abertura de novos empreendimentos industriais (Viveiros, [1954] 2014). A abolição da escravidão, em 1888, resultou em um aumento significativo da oferta de mão de obra, constituindo um “exército industrial de reserva” que contribuiu para a manutenção e a expansão da atividade fabril, voltada sobretudo para o mercado nordestino, onde competia com os polos industriais emergentes do Ceará e de Pernambuco.

3.1.3 Crise e retração (1920-1945)

A partir dos anos 1920, a indústria têxtil no Maranhão passou por uma série de adversidades que resultaram em um período de declínio e retração. Diversas crises externas impactaram severamente tanto a economia brasileira quanto a maranhense. A crise de 1929, em particular, trouxe mudanças estruturais profundas na estratégia econômica vigente no Brasil, que se baseava principalmente na exportação de produtos primários e matérias-primas. Isso praticamente forçou o país, especialmente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a adotar um maior dinamismo em seu mercado interno. Nesse contexto, o governo brasileiro, a partir de 1930 e sob um novo regime político, desempenhou um papel central na promoção da indústria de base e na realização de investimentos voltados ao desenvolvimento de diversos setores industriais, por meio de políticas amplamente diversificadas.

4. Análise microeconômica da estrutura de mercado

4.1 Estrutura de mercado

A indústria têxtil no Maranhão, entre 1880 e 1940, apresenta características que permitem uma análise de sua estrutura de mercado como oligopolística ou concorrencial, com base no número de indústrias e na concentração de capital. A partir dos dados levantados,³ é possível observar a existência de um número limitado de fábricas em atividade, muitas delas concentradas nas cidades de São Luís e Caxias, o que sugere uma forte tendência à concentração industrial nessas áreas. A fundação de diversas companhias em um curto intervalo de tempo, entre 1890 e 1894, indica uma expansão significativa do setor, impulsionada por investimentos consideráveis e pela crescente demanda por produtos têxteis.

Tabela 5 – Indústrias têxteis fundadas até 1895 no Maranhão

Nome	Abertura	Fim
Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil (primeira fase)	1867	1966
Fábrica São Luiz	1869	1982
Fiação e Tecelagem Maranhense	1887	n/d
Companhia de Fiação e Tecidos (Fábrica Camboa)	1887	1903
Fiação e Tecelagem Caxiense	1888	n/d
Companhia de Fiação e Tecidos União Caxiense	1889	1950
Companhia de Fiação e Tecidos União Caxiense	1889	1950
Fábrica União	1889	1938
Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense (Camboa)	1890	1970
Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil (sociedade anônima)	1890	1966
Companhia Industrial Caxiense	1891	1903
Companhia Fabril Maranhense (Fábrica Santa Isabel)	1891	1971

(continua)

³ As fontes são: Arquivo da JUCEMA, complementado por IBGE (1987), Viveiros ([1954] 2014) e Suzigan (2000). É importante ressaltar que é muito difícil apresentar um cotejo “definitivo” do total das indústrias têxteis no Maranhão para o período, devido às características de registro e suas mudanças ao longo do tempo. Também é importante a ressalva de que os registros presentes nos Censos Industriais de 1920 e 1940 apresentam os mesmos problemas de cômputo. Então, o cotejo com diferentes fontes consideradas “primárias” nos pareceu a melhor opção. Destaca-se o caráter amostral dos dados apresentados. Um levantamento completo sob a forma de série histórica ainda está por ser realizado.

Tabela 5 – Indústrias têxteis fundadas até 1895 no Maranhão

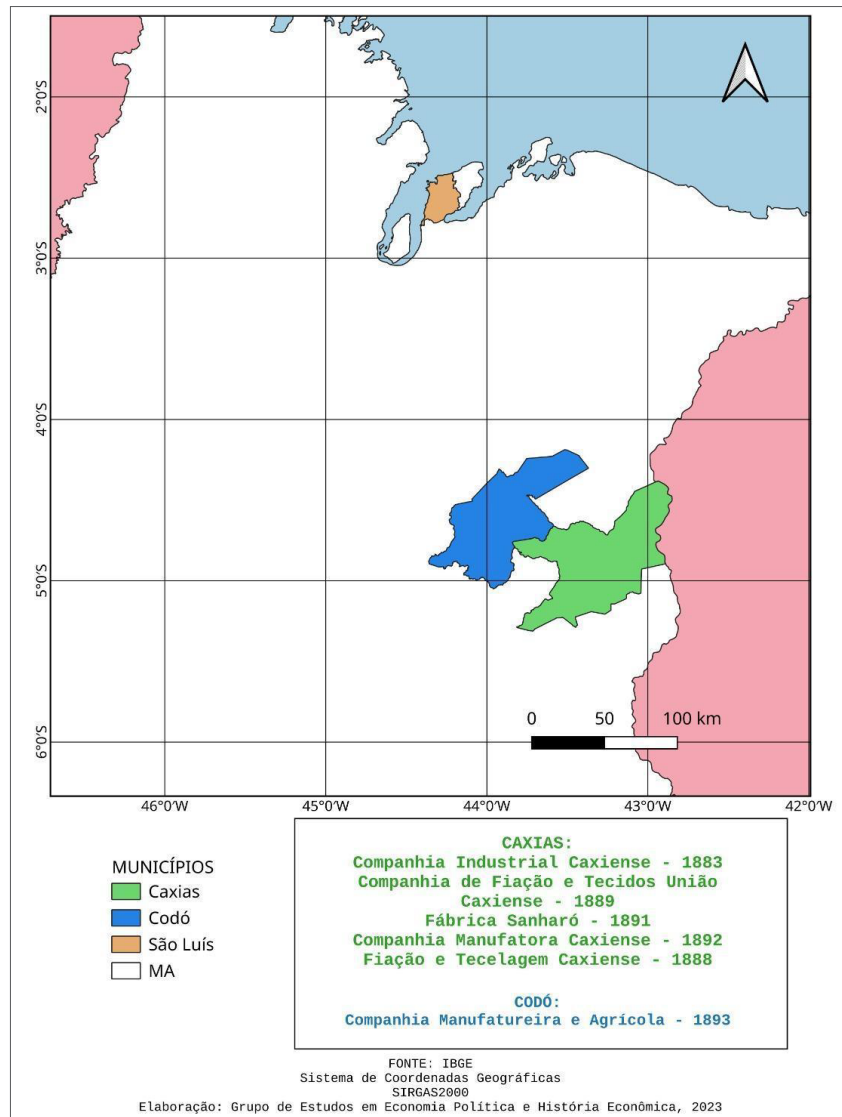
Nome	Abertura	Fim
Companhia de Fiação e Tecidos Cânhamo	1891	n/d
Fábrica Sanharó	1891	1969
Companhia Progresso Maranhense	1892	n/d
Companhia Manufatora Caxiense	1892	n/d
Companhia Manufatureira e Agrícola	1893	n/d
Fiação e Tecelagem Fabril Maranhense	1893	n/d
Fábrica de Tecidos de Malha Ewerton	1893	n/d
Companhia de Lanifícios Maranhense (Fábrica Santa Amélia)	1894	1969
Companhia de Fiação e Tecelagem São Luís	1894	1960
Companhia Industrial Maranhense	1894	n/d

Fontes: JUCEMA, complementado por Viveiros ([1954] 2014) Suzigan (2000) e IBGE (1987).

No entanto, essa concentração geográfica e a natureza das indústrias locais apontam para a formação de um *oligopólio regional*, no qual poucas empresas dominavam a produção têxtil, criando um mercado com menor número de concorrentes efetivos. Essa configuração oligopolística permitia que essas empresas tivessem um certo controle sobre os preços e a produção, uma vez que não havia um número suficiente de competidores para caracterizar um mercado plenamente concorrencial. Além disso, o capital concentrado nessas poucas indústrias proporcionava maior estabilidade em um ambiente econômico desafiador, embora a concorrência acirrada entre elas e as instabilidades econômicas tenham levado ao fechamento de várias fábricas nas décadas seguintes.

A concentração regional nas indústrias têxteis do Maranhão, embora não configurasse um monopólio clássico, criou um ambiente semelhante ao de um monopólio regional. O monopólio clássico caracteriza-se pela presença de uma única empresa que domina completamente a oferta de um determinado produto ou serviço, conferindo-lhe controle total sobre preços e quantidades. Nesse cenário, a ausência de concorrência permite que o monopolista maximize seus lucros, muitas vezes em detrimento do bem-estar do consumidor, que fica restrito a opções limitadas e preços elevados (Tirole, 1988).

Figura 1 – Indústrias têxteis em Codó e Caxias (Maranhão, 1895)

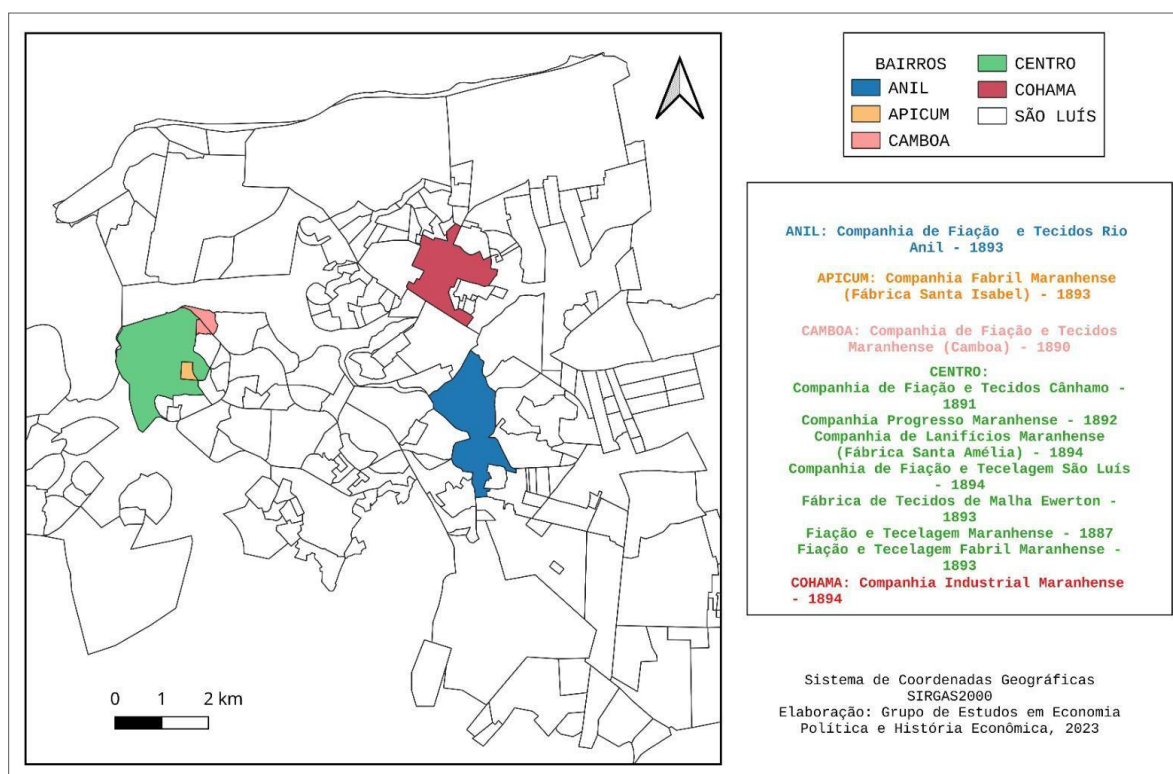


Fonte: Carreiro (2025), a partir de dados da JUCEMA.

A Figura 1 revela uma concentração espacial significativa da atividade industrial têxtil maranhense no interior do estado, notadamente nos municípios de Caxias (destacado em azul) e Codó (em verde), em contraste com a capital São Luís (em laranja), que aparece de forma secundária na legenda. Essa distribuição geográfica é reveladora: Caxias despontava como o principal polo têxtil do estado, abrigando ao menos cinco empreendimentos fundados entre 1883 e 1892 – entre eles a *Companhia Industrial Caxiense* (1883), a *Companhia de Fiação e Tecidos Unidos Caxiense* (1889) e a *Fiação e Tecelagem Caxiense* (1886) –, enquanto Codó contava com a *Companhia Manufatureira e Agrícola* (1893), indicando uma ex-

pansão mais tardia. A localização dessas indústrias no sertão maranhense, e não na capital litorânea, sugere uma dinâmica industrial própria do interior, possivelmente associada à disponibilidade de matéria-prima algodoeira nessa região e às redes comerciais preexistentes, evidenciando que a industrialização do Maranhão oitocentista não foi um fenômeno exclusivamente urbano-costeiro, mas se articulou com as estruturas econômicas do *hinterland*.

Figura 2 – Indústrias têxteis em São Luís, Maranhão, em 1895



Fonte: Carreiro (2025), a partir de dados da JUCEMA.

A Figura 2 apresenta a distribuição intraurbana das fábricas têxteis na capital maranhense, revelando uma marcante concentração no bairro do Centro (vermelho), que reunia o maior número de estabelecimentos, entre eles a *Companhia de Fiação e Tecidos Cântamo* (1892), a *Fiação e Tecelagem Maranhense* (1887) e a *Companhia Progresso Maranhense* (1892). Os demais bairros – Anil, Apicum, Camboa e Conama – contavam com uma ou duas unidades cada, indicando uma ocupação industrial dispersa pela cidade, porém hierarquicamente subordinada ao núcleo central. Esse padrão sugere que a instalação das fábricas seguiu a lógica da infraestrutura urbana já consolidada no Centro, ao mesmo tempo em que bairros

periféricos como o Anil aproveitavam recursos hídricos locais. Complementando a Figura 1, esse mapa demonstra que São Luís também desempenhou papel relevante na industrialização têxtil do período, com uma dinâmica própria e mais pulverizada do que a observada em Caxias e Codó. Por outro lado, o monopólio regional refere-se a uma situação em que poucas empresas dominam um mercado em uma área geográfica específica, sem que uma única empresa detenha o controle absoluto. No caso das indústrias têxteis do Maranhão, a alta concentração de capital e as barreiras à entrada dificultaram a competição, resultando em um ambiente em que essas empresas exerciam um controle significativo sobre a oferta de produtos têxteis na região. Embora não houvesse um único fornecedor monopolizando a oferta, a interação entre as indústrias têxteis e a ausência de concorrência robusta levaram a um comportamento oligopolístico (Bain, 1956).

4.2 Gestão familiar e competitividade

O modelo de gestão familiar predominante nas fábricas têxteis do Maranhão, com propriedade e administração passadas entre gerações, apresentava vantagens e limitações claras. Por um lado, esse modelo favorecia a continuidade e a transmissão de conhecimento entre membros da família, garantindo certa estabilidade. No entanto, a gestão familiar também dificultava a adaptação às mudanças do mercado e à inovação tecnológica, limitando a competitividade das empresas. A falta de profissionalização na gestão, somada a conflitos internos e questões sucessórias, resultava na baixa capacidade de investimento e modernização das fábricas, o que impactava negativamente sua longevidade.

4.3 Eficiência produtiva e tecnologia

A modernização tardia das fábricas têxteis no Maranhão no final do século XIX, aliada à introdução da segunda geração de maquinário importado, impactou significativamente a produtividade do setor. A indústria têxtil local enfrentava desafios estruturais, como infraestrutura precária, limitações tecnológicas e gestão familiar conservadora, características do complexo econômico nordestino, conforme descrito por Celso Furtado (2009). Esses fatores dificultaram a adoção de inovações tecnológicas,

resultando em uma modernização retardada em relação a outras regiões do Brasil e do mundo.

As fábricas têxteis maranhenses, apesar dos investimentos significativos em capital e áreas ocupadas, mostravam variações consideráveis na capacidade produtiva, no número de empregados e na remuneração da força de trabalho (Tabelas 6, 7 e 8). Por exemplo, a *Companhia Fabril Maranhense* (Fábrica Santa Isabel) possuía 420 teares e uma capacidade produtiva de 3 milhões de metros de tecido por ano, com 600 empregados, demonstrando uma correlação entre investimentos em maquinário e produtividade elevada. Por outro lado, fábricas menores, como a *Companhia de Lanifícios Maranhense*, com apenas 22 teares, apresentavam baixa produtividade e uma relação empregado/tear mais desfavorável.

Tabela 6 – Maranhão, indústrias têxteis em 1895, área ocupada e capital investido

Nome	Capital (contos de réis)	Área (m ²)
Companhia Fabril Maranhense (Fábrica Santa Isabel)	1700	6993
Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil	1600	10094
Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense (Camboa)	1200	9925
Companhia Industrial Caxiense	111	n/d
Companhia Manufatureira e Agrícola	1000	7980
Companhia de Fiação e Tecidos Cânhamo	900	n/d
Companhia de Fiação e Tecidos União Caxiense	850	n/d
Companhia Progresso Maranhense	700	n/d
Companhia de Lanifícios Maranhense (Fábrica Santa Amélia)	600	3025
Companhia de Fiação e Tecelagem São Luís	320	1755
Companhia Industrial Maranhense	250	1242
Fábrica Sanharó	150	n/d
Fábrica de Tecidos de Malha Ewerton	n/d	n/d
Companhia Manufatora Caxiense	322	n/d
Fiação e Tecelagem Maranhense	n/d	n/d
Fiação e Tecelagem Caxiense	n/d	n/d
Fiação e Tecelagem Fabril Maranhense	1700	n/d

Fontes: JUCEMA, complementado por Viveiros ([1954] 2014) Suzigan (2000) e IBGE (1987).

Conforme demonstrado na Tabela 6, a modernização tardia no setor têxtil maranhense, impulsionada pela segunda geração de maquinário, teve um impacto desigual na produtividade das fábricas. Empresas como a *Companhia Fabril Maranhense (Fábrica Santa Isabel)*, que possuía 1.700 contos de réis em capital investido e uma área de 6.993 m², destacaram-se ao modernizar suas instalações e aumentar a eficiência produtiva. A adoção de novas tecnologias permitiu maior competitividade e redução de custos operacionais, o que foi essencial para atender à crescente demanda local e nacional.

A inserção da segunda geração de maquinário, que marcou o processo de modernização tardia, permitiu um aumento da capacidade produtiva, mas esse avanço não foi homogêneo entre as fábricas. Aquelas que adotaram novas tecnologias e otimizaram a relação empregado/tear, como a *Companhia Rio Anil*, com uma relação de 1,22 empregado por tear, foram capazes de aumentar sua competitividade e atender a uma maior demanda regional e nacional. Contudo, a dependência de uma economia agrícola pouco diversificada e as crises econômicas da época limitaram o crescimento sustentável de muitas indústrias, levando algumas ao declínio.

A análise da modernização tardia no setor têxtil maranhense revela que, embora o novo maquinário tenha impulsionado a produtividade em algumas fábricas, o impacto geral foi limitado pelas condições estruturais e pelo contexto econômico regional. A falta de continuidade nos investimentos em tecnologia e na capacitação da mão de obra também contribuiu para a queda gradual do setor ao longo do século XX.

4.4 Eficiência produtiva

A avaliação da eficiência produtiva de um setor industrial requer métricas que permitam mensurar como os recursos disponíveis são convertidos em produção. No caso das indústrias têxteis do Maranhão entre 1880 e 1940, dois indicadores foram construídos para analisar a relação entre capital investido, espaço físico das fábricas e capacidade produtiva: **produtividade por metro quadrado e produtividade do capital**. Ambos os indicadores fornecem informações relevantes sobre a eficiência operacional das fábricas e ajudam a compreender os desafios enfrentados pelo setor.

4.4.1 Produtividade por metro quadrado (metros de tecido/m²)

A produtividade por metro quadrado busca mensurar a eficiência do uso do espaço físico disponível nas fábricas. Esse indicador foi calculado da seguinte forma:

$$\begin{aligned} & \textit{Produtividade por m}^2 \\ &= \frac{(\textit{Capacidade produtiva (milhões de metros de tecido)})}{(\textit{Área ocupada (m}^2\text{)})} \end{aligned}$$

Esse indicador expressa quantos metros de tecido eram produzidos para cada metro quadrado ocupado pela fábrica. No contexto maranhense, onde o setor têxtil operava com desafios estruturais e tecnológicos, esse indicador ajuda a identificar quais fábricas utilizavam melhor seus espaços e quais enfrentavam dificuldades na alocação eficiente de recursos físicos.

4.4.2 Produtividade do capital (mm de tecido/contos de réis)

A produtividade do capital mede a eficiência do investimento em relação à produção gerada. Esse indicador foi construído com a seguinte fórmula:

$$\begin{aligned} & \textit{Produtividade do capital} \\ &= \frac{(\textit{Capacidade produtiva (milhões de metros de tecido)})}{(\textit{Capital investido (contos de réis)})} \end{aligned}$$

Esse índice revela quantos metros de tecido eram produzidos para cada unidade de capital investido. No contexto do setor têxtil maranhense, um baixo desempenho nesse indicador poderia indicar que os desafios enfrentados pelas indústrias não estavam apenas na falta de investimentos, mas também na incapacidade de aplicar eficientemente os recursos disponíveis.

Os resultados apontam diferenças significativas entre as fábricas. A *Companhia Fabril Maranhense* destacou-se como a mais eficiente em termos de espaço, com uma produtividade de 0,000429 milhões de metros de tecido por metro quadrado, sugerindo um uso mais otimizado da infraestrutura e possivelmente um parque fabril mais eficiente. Em contraste, a *Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil* apresentou um desempenho

significativamente menor (0,000109 milhões de metros de tecido/m²), indicando um aproveitamento menos eficiente do espaço ocupado. A *Companhia de Lanifícios Maranhense* obteve o menor valor nesse indicador (0,000044 milhões de metros de tecido/m²), sugerindo uma infraestrutura subutilizada ou com baixa produtividade por metro quadrado.

A produtividade do capital revela um padrão semelhante. A *Companhia Fabril Maranhense* novamente apresentou o melhor desempenho, produzindo 0,001765 metros de tecido por conto de réis investido, demonstrando que seus investimentos eram melhor convertidos em produção. A *Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense* também obteve um desempenho relativamente alto (0,001500 milhões de metros de tecido/contos de réis), enquanto a *Companhia de Lanifícios Maranhense* apresentou a menor produtividade do capital (0,000220 milhões de metros de tecido/contos de réis), sugerindo que seus investimentos não estavam sendo aplicados de maneira eficiente para aumentar a produção.

Esses resultados indicam que, dentro do setor têxtil maranhense, nem todas as fábricas operavam com a mesma eficiência produtiva, o que pode estar associado a diferentes fatores estruturais. A defasagem tecnológica pode ter sido um dos principais entraves, uma vez que fábricas com equipamentos mais modernos teriam conseguido um melhor aproveitamento tanto do espaço quanto do capital. Além disso, a gestão ineficiente da capacidade produtiva pode ter levado algumas indústrias a operar com estruturas ociosas, reduzindo a produtividade por metro quadrado. Outro fator relevante é a dificuldade de expansão das economias de escala, uma característica comum em mercados oligopolizados e tecnologicamente defasados, o que pode ter limitado a competitividade das fábricas locais.

A estagnação do setor têxtil no Maranhão, portanto, não pode ser atribuída apenas à concorrência externa de outras regiões, como o Sudeste do Brasil. Os baixos níveis de produtividade de algumas fábricas sugerem que a ineficiência interna também foi um fator determinante para a perda de competitividade. A menor produtividade do capital em algumas indústrias indica que, mesmo quando houve investimentos, esses recursos não foram necessariamente aplicados de forma eficaz para ampliar a produção.

Dessa forma, os indicadores de eficiência produtiva reforçam a tese de que o atraso da indústria têxtil maranhense decorreu tanto de fatores estruturais de mercado quanto de ineficiências internas.

4.5 Capital investido, área e capacidade produtiva

A análise de correlação entre o capital investido, a área ocupada pelas fábricas e a capacidade produtiva das indústrias têxteis do Maranhão revelou relações estatísticas significativas que contribuem para a compreensão da dinâmica produtiva do setor.

Tabela 7 – Maranhão, correlação entre variáveis selecionadas da indústria têxtil (1880-1940)

Variáveis	Coefficiente de correlação	Valor-p (5%)	Significância estatística
Capital e área ocupada	0,86455	0,012039	Significativo
Capital e capacidade produtiva	0,83485	0,019436	Significativo
Área ocupada e capacidade produtiva	0,61217	0,143984	Não significativo

Fonte: Tabelas 1 e 6.

A análise de correlação entre o capital investido, a área ocupada pelas fábricas e a capacidade produtiva das indústrias têxteis do Maranhão revelou relações estatísticas significativas que contribuem para a compreensão da dinâmica produtiva do setor. Observou-se uma forte correlação positiva entre o capital investido e a área ocupada ($r = 0,864$), indicando que, em geral, as indústrias com maior volume de investimento financeiro tendiam a possuir instalações mais amplas. Esse resultado sugere que os recursos alocados no setor eram frequentemente direcionados à expansão física das fábricas, possivelmente para acomodar maior número de máquinas e trabalhadores. Além disso, o teste de significância confirmou que essa correlação é estatisticamente significativa ($p = 0,012$), o que reforça a robustez da relação observada.

De forma semelhante, a relação entre capital investido e capacidade produtiva ($r = 0,835$) também se mostrou fortemente positiva. Isso implica que fábricas com maior disponibilidade de capital geralmente possuíam uma produção mais elevada, mensurada pelo volume de tecido produzido

anualmente. Esse resultado reforça a hipótese de que investimentos financeiros contribuía para o aumento da capacidade produtiva, seja por meio da aquisição de equipamentos modernos, seja pela ampliação da força de trabalho. O teste estatístico confirmou essa relação como significativa ($p = 0,019$), indicando que a associação entre investimento e produção não é fruto do acaso.

Por outro lado, a correlação entre área ocupada e capacidade produtiva apresentou um coeficiente de $r = 0,612$, indicando uma relação positiva, porém de menor intensidade. Esse achado sugere que, apesar de um aumento no espaço físico das fábricas estar associado a uma maior produção, essa variável isoladamente não explica totalmente as diferenças na capacidade produtiva. Fatores adicionais, como eficiência operacional, qualidade da mão de obra e grau de modernização tecnológica, podem ter desempenhado um papel crucial na determinação da produtividade das indústrias têxteis. Além disso, diferentemente das outras duas correlações analisadas, essa relação não foi estatisticamente significativa ($p = 0,144$), o que sugere que o tamanho das instalações, por si só, não era um fator determinante para a variação na produção entre as fábricas.

A forte relação entre capital investido e capacidade produtiva aponta para a importância dos investimentos na expansão da produção, o que reforça a ideia de que a estagnação do setor pode estar ligada a limitações na alocação de capital e na modernização tecnológica. Além disso, a correlação não significativa entre área ocupada e produção sugere que o simples crescimento da infraestrutura física das fábricas não era suficiente para garantir um aumento significativo na produção, evidenciando a necessidade de inovações tecnológicas e melhorias nos processos produtivos.

4.5.1 Índice de Concentração Industrial de Herfindahl-Hirschman (IHH)

O Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH) (Herfindahl, 1950; Hirschman, 1945) é uma medida quantitativa de concentração de mercado utilizada em economia e em estudos de concorrência para avaliar o grau de monopólio ou oligopólio em um determinado setor. Ele é amplamente empregado por órgãos reguladores para verificar se um mercado é competitivo ou se há necessidade de intervenção para evitar práticas anticompetitivas.

O IHH é calculado somando o quadrado das participações de mercado das empresas em um determinado setor:

$$IHH = \sum_{i=1}^n s_i^2$$

onde s_i é a participação de mercado da empresa i , expressa em percentual, e n é o número total de empresas no mercado.

Como cada participação é elevada ao quadrado, empresas com maiores fatias de mercado têm um peso maior no índice.⁴

Os resultados para o setor têxtil maranhense entre 1880 e 1940 aparecem na Tabela 8, a seguir:

Tabela 8 – Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH), setor têxtil, Maranhão, 1880-1940

Nome	Capital (contos de réis)	Participação (%)	Participação ao quadrado
Companhia Fabril Maranhense	1700	14,908	222,259
Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil	1600	14,031	196,88
Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense	1200	10,524	110,745
Companhia Industrial Caxiense	111	0,973	0,948
Companhia Manufatureira e Agrícola	1000	8,77	76,906
Companhia de Fiação e Tecidos Cânhamo	900	7,893	62,294
Companhia de Fiação e Tecidos União Caxiense	850	7,454	55,565
Companhia Progresso Maranhense	700	6,139	37,684
Companhia de Lanifícios Maranhense	600	5,262	27,686
Companhia de Fiação e Tecelagem São Luís	320	2,806	7,875
Companhia Industrial Maranhense	250	2,192	4,807
Fábrica Sanharó	150	1,315	1,73

(continua)

⁴ Os valores do IHH variam entre 0 e 10.000 (caso extremo de monopólio, em que uma única empresa detém 100% do mercado). Os principais critérios de interpretação são: (a) $IHH < 1500 \rightarrow$ Mercado pouco concentrado (concorrência alta); (b) $1500 \leq IHH \leq 2500 \rightarrow$ Mercado moderadamente concentrado; (c) $IHH > 2500 \rightarrow$ Mercado altamente concentrado (pouca concorrência, possibilidade de comportamento oligopolista ou monopolista).

Tabela 8 – Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH), setor têxtil, Maranhão, 1880-1940

Nome	Capital (contos de réis)	Participação (%)	Participação ao quadrado
Companhia Manufatora Caxiense	322	2,824	7,974
Fiação e Tecelagem Fabril Maranhense	1700	14,908	222,259
Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH)		-	1.035,61

Fonte: Tabela 1.

No caso da indústria têxtil maranhense entre 1880 e 1940, o IHH obtido foi de 1035,61, o que sugere a princípio um mercado relativamente pouco concentrado, mais tendente a uma situação oligopolista. É possível identificar algumas empresas possuindo maior participação de mercado. Embora houvesse concorrência, algumas fábricas detinham uma fatia relevante do capital investido, possivelmente exercendo influência sobre preços e estratégias do setor. Isso denota um perfil muito mais voltado a uma concentração da posse dos meios produtivos, sem o devido dinamismo dos agentes dessa posse para a promoção de investimentos próprios à acumulação de capital do setor. Ou seja, a posse, enquanto dada, não se refletia como um caráter dinâmico do setor têxtil para além do emprego extensivo da atividade econômica, reproduzindo as características próprias de economias subdesenvolvidas, com subutilização de recursos e capacidade ociosa que não se refletia na criação de estoques de capital fixo, para o setor e para a economia maranhense como um todo.

5. Considerações finais

A indústria têxtil maranhense desempenhou um papel crucial no desenvolvimento econômico do estado entre 1880 e 1940, atuando como um dos principais motores da transição de uma economia agrária para uma mais diversificada. Durante esse período, o setor se beneficiou da abundância de matérias-primas, como o algodão, e da crescente demanda interna por produtos manufaturados, o que refletia o processo mais amplo de industrialização no Brasil. No entanto, apesar do crescimento inicial, o setor enfrentou barreiras estruturais significativas que impediram seu

desenvolvimento contínuo. A concentração de capital em poucas empresas, aliada à gestão familiar predominante nas fábricas, gerou um ambiente oligopolista que limitava a competição e inibia a inovação tecnológica. Esse cenário, caracterizado pela baixa intensidade competitiva, dificultava a adaptação das fábricas locais às novas demandas do mercado e à concorrência de centros industriais mais desenvolvidos, como São Paulo e Rio de Janeiro. As teorias de Paolo Sylos Labini e Joan Robinson ajudam a compreender esses desafios, especialmente a questão da concentração de mercado e da ausência de concorrência perfeita, fatores que, no caso maranhense, contribuíram para a estagnação do setor.

Os resultados empíricos e analíticos deste estudo destacam que a indústria têxtil maranhense enfrentou uma trajetória marcada por crescimento inicial, mas limitada pela falta de inovação e pela dificuldade de expandir as economias de escala. Embora houvesse investimentos significativos no início, a capacidade produtiva das fábricas não cresceu de forma sustentada, refletindo uma falta de reinvestimentos constantes e a resistência à adoção de novas tecnologias. Isso, aliado à concentração de mercado, resultou em um setor com baixa competitividade, o que comprometeu sua capacidade de competir com indústrias mais desenvolvidas. A análise do Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH) confirma a forte concentração do mercado, com poucas empresas dominando o setor, o que dificultou a modernização das operações. A falta de políticas públicas estruturadas para fortalecer o setor local foi outro fator determinante para o declínio das fábricas maranhenses no cenário nacional. Essa experiência mostra que, para impulsionar a indústria local, é necessário criar políticas públicas que considerem as especificidades regionais e promovam o desenvolvimento de infraestruturas tecnológicas e de mercado que favoreçam o crescimento sustentável e a competitividade das empresas.

Referências

ANDRADE, M. *A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste*. São Paulo: Cortez, [1963] 2005.

BAIN, J. *Barriers to new competition*. Cambridge: Harvard University Press, 1956.

BARBOSA, W. *Balanço da economia brasileira, 1940-1980*. São Paulo: LCTE, 2006.

BARBOSA, F. *Economia do Maranhão e de São Paulo: semelhança na origem, descontinuidade no desenvolvimento*. São Paulo: IPADES, 2012.

CALDEIRA, J. *Origens da indústria no sistema agro-exportador maranhense 1875/1895*. São Paulo: USP, 1988 (Tese de Doutorado em Sociologia da USP).

CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Campinas: Ed. Unicamp, [1977] 2007.

CARDOSO, C.; BRIGNOLI, H. *Os métodos na História*. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

CARREIRO, P. D. C. *Mulheres operárias na indústria têxtil do Maranhão, 1870 a 1945: industrialização e desenvolvimento, da perspectiva das questões de gênero*. São Luís: UFMA, 2025 (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico da UFMA).

FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, [1959] 2009.

HERFINDAHL, O. C. *Concentration in the U.S. Steel Industry*. Nova York: Columbia University, 1950 (Dissertação).

HIRSCHMAN, A. O. *National Power and the Structure of Foreign Trade*. Berkeley: University of California Press, 1945.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Estatísticas Históricas do Brasil. Séries Econômicas, Demográficas e Sociais, 1550 a 1988*. Brasília: IBGE, 1987.

LABINI, P. S. *Oligopólio e progresso técnico*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitaria, 1984.

MELO, M. *O bater dos panos: um estudo das relações de trabalho na indústria têxtil do Maranhão (1940-1960)*. São Luís: Sioge, 1990.

NEVES, D. G. *A Cânhamo: uma história fabril e familiar*. São Luís: Resistência Cultural, 2019.

PRADO JÚNIOR, C. *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, [1945] 1988.

ROBINSON, J. *Contribuições à economia moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ROBINSON, J. *The Economics of Imperfect Competition*. London: Palgrave Macmillan, 1969.

SOUZA, L. E. S. de. *Formação Econômica do Brasil: tópicos especiais*. São Paulo: LCTE, 2005.

SOUZA, L. E. S. de. A História Econômica como interdisciplina interdependente. *Revista Controversa*, v. 8, p. 13-16, 1996.

SOUZA, L. E. S. de. *A importância do uso de métodos quantitativos na História Econômica*. São Paulo: PPGHE-DH-FFLCH-USP, texto para discussão, 2006.

SOUZA, L. E. S. de. *Uma perspectiva sobre a Historiografia Econômica Quantitativa: notas para uma discussão*. São Paulo: PPGHE-DH-FFLCH-USP, texto para discussão, 2007.

SOUZA, L. E. S. de; NEVES, D. G. Liderança empresarial e industrialização têxtil no Maranhão, 1870-1940. *História Econômica & História de Empresas*, v. 28, n. 2, 2025. DOI: 10.29182/hehe.v28i2.1024. Disponível em: <<https://www.hehe.org.br/index.php/rabphe/article/view/1024>>.

SUZIGAN, W. *Indústria brasileira: origem e desenvolvimento*. Campinas: Hucitec, 2000.

TAVARES, M. da C. *Acumulação de capital e industrialização no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1986.

TAVARES, M. da C. *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

VERSIANI, F. R. e VERSIANI, M. T. A industrialização brasileira antes de 1930: uma contribuição. In VERSIANI, F. e BARROS, J. (Org.) *Formação econômica do Brasil: a experiência da industrialização*. São Paulo: ANPEC, 1978.

VIVEIROS, J. de. *História do comércio do Maranhão. 1896-1934*. São Luís: Lithograf, [1954] 2014.